



CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: CAMINHO DE DESCOBERTAS E COMPREENSÃO DO MUNDO

Lisaura Maria Beltrame¹ - UFFS
Jéssica Vanessa Cavalheiro² - UFFS
Marizane Sbeghen³ - UFFS

Grupo de Trabalho – Educação da Infância
Agência Financiadora: não contou com financiamento

Resumo

O presente trabalho é fruto de nosso Trabalho de Conclusão de Curso em Pedagogia, o qual teve como foco de pesquisa investigar a importância da contação de histórias no processo de aprender e desenvolver da criança. E como objetivos: Compreender quais são as contribuições da prática educativa enfatizada na contação de histórias para a Educação Infantil; Investigar o que as crianças pensam sobre os momentos de contação de histórias; Analisar as contribuições de Vygotsky na aprendizagem e desenvolvimento da criança. Para tanto, recorreu-se a metodologia da pesquisa bibliográfica e ao retorno aos CEI's campos do Estágio Supervisionado na Educação Infantil a fim de serem realizadas entrevistas com as turmas em que havíamos atuado. Assim sendo, evidenciamos embasadas nos pressupostos de Vygotsky, que as relações do ser humano com o meio constituem a alavanca para os processos de aprendizagem e desenvolvimento do homem. Sendo o professor um mediador que contribui com a criança a partir da contação de histórias a desenvolver habilidades cognitivas, a alcançar os patamares do desenvolvimento humano e aguçar a sua imaginação. Paralelamente, em conformidade com os estudos referentes à contação de histórias, apreendemos esse momento enquanto enriquecedor do imaginário infantil e promovedor do desenvolvimento psicológico, criativo e emocional da criança, ao passo que, permite a essa adquirir novos conhecimentos, compreender o mundo e a si mesma, e conseqüentemente criar a sua identidade pessoal. Já as entrevistas e os momentos de contação de histórias realizados no estágio, nos apontaram a preferência das crianças por personagens midiáticos e o quão importante é para elas esses momentos de exploração da imaginação. Nesse ínterim, defendemos a presença da contação de histórias nos Centros de Educação Infantil, pois inferimos ser esse, um espaço educativo que permite a criança aprender e desenvolver-se em sua totalidade, assim como estimular o seu imaginário.

¹ Docente pela Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS. Membro voluntário da Associação Regional Oeste Catarinense – OMEP – BR – SC. Pesquisadora na área de educação infantil, infância, ludicidade (jogo, brinquedo e brincades). E-mail: lisaura@unochapeco.edu.br.

² Acadêmica do curso de Licenciatura em Pedagogia da UFFS – Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó/SC. E-mail: jessy.v.c@hotmail.com.

³ Acadêmica do curso de Licenciatura em Pedagogia da UFFS – Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó/SC. E-mail: marizanesbeg@hotmail.com.

Palavras-chave: Contação de histórias. Desenvolvimento. Aprendizagem. Educação Infantil.

Introdução

O Trabalho que ora se introduz é fruto de nosso Trabalho de Conclusão de Curso em Pedagogia⁴, o qual surgiu a partir de reflexões, observações e análises sobre os momentos de contação de histórias realizados no Estágio Supervisionado em Educação Infantil, ocorrido no CEI Dona Ilse da cidade de Seara/SC, e no CEI Cantinho do Saber da cidade de Planalto Alegre/SC, com turmas do Maternal I e II, no ano de 2014. As reflexões e análises aqui propostas sobre as experiências por nós vividas se detiveram sobre dois CEI's, tendo em vista que nós acadêmicas realizamos separadamente o estágio mencionado.

Os momentos de contação de histórias e interações com a fantoche Tatá, realizados no estágio e no retorno aos CEI's, permitiram-nos observar o quão mágicos e importantes são para as crianças esses momentos, uma vez que, a partir deles, as crianças nos revelaram as suas compreensões do mundo, os seus medos e alegrias, assim como, seus personagens favoritos, deixando fluir a mente, a imaginação e a criatividade através da relação estabelecida entre a realidade e a fantasia, além de que, o processo de aprendizagem quando trabalhado através do lúdico tende a se tornar mais atrativo e instigante aos olhos da criança.

Em virtude dos fatos mencionados, o TCC supracitado orientou-se a partir das seguintes indagações: Qual a contribuição da prática educativa enfatizada na contação de histórias para a Educação Infantil? Quais as contribuições de Vygotsky na aprendizagem e desenvolvimento da criança? O que as crianças pensam sobre a contação de histórias?

Desse modo, a presente produção tem como propósito apresentar a importância da contação de histórias no processo de desenvolver e aprender da criança, fundamentado teoricamente em Vygotsky e demais autores que se propõem a discutir a contação de histórias. No que tange às nossas experiências com os momentos de contação, fizemos utilidade dos registros obtidos e produzidos a partir do Estágio Supervisionado em Educação Infantil. Para tanto, a fim de realizarmos uma reflexão e análise mais consistente, fez-se necessário o nosso retorno aos CEI's campos de estágio, com o intuito de analisar mais informações a respeito da visão e compreensão das crianças sobre os momentos de contação. Assim sendo, esse estudo denomina-se enquanto uma pesquisa bibliográfica.

⁴ Trabalho de Conclusão de Curso defendido no dia 01 de Julho de 2015.

Pó de pirlimpimpim... a história vai começar: a importância da contação de histórias na infância

Para Desde que nascemos e durante toda a nossa vida, ouvimos histórias. A narrativa faz parte da vida da criança desde que ela é bebê, por meio das canções de ninar, que mais tarde dão lugar às cantigas de roda, as histórias e contos de fadas. Segundo Regatieri (2008), a contação de histórias tem como principal objetivo divertir e entreter, porém, Abramovich (1997) vai além ao enfatizar que a contação de histórias influencia também na formação da criança, sendo o início da formação de um leitor e um caminho de descoberta e compreensão do mundo.

Seguindo o proposto por Abramovich (1997), nos deparamos com as autoras Lucas, Caldin e Silva (2006, p. 402), as quais enfatizam que a contação de histórias tem por objetivos:

[...] favorecer a identificação com as personagens; [...] conduzir ao riso; aliviar as tensões diárias; diminuir o stress; facilitar a socialização; estimular a criatividade; diminuir a timidez; criar um universo independente da vida cotidiana; experimentar sentimentos e emoções em segurança; [...] mostrar que os problemas são universais e é preciso aprender a lidar com eles; facilitar a comunicação; desenvolver a maturidade; manter a saúde mental; conhecer melhor a si mesmo; [...] verbalizar e exteriorizar os problemas.

Mediante o exposto, podemos afirmar que a contação de histórias permite ao sujeito o seu desenvolvimento intelectual, psicológico e emocional, além de estruturar o imaginário das crianças na medida em que traz consigo uma constante relação entre fantasia e realidade, onde uma reflete na outra, servindo a fantasia muitas vezes de base para a criança compreender as situações cotidianas. Seguindo esta perspectiva, apreendemos que enquanto cresce a criança vai criando a sua identidade pessoal embasada no que a cerca e nos modelos de filho(a), pai, mãe, amigo, aluno(a), dentre outros que a ela são apresentados, sendo a contação de histórias uma das ferramentas utilizadas para desenvolver e fundamentar a personalidade da criança e lhe introduzir na cultura a qual pertence. Logo acreditamos que a subjetividade da criança que participa direta ou indiretamente da contação de histórias sofre modificações.

Já Souza e Bernardino (2011, p. 237), sublinham que a contação de histórias pode servir como estratégia pedagógica na educação infantil e no ensino fundamental, devido à escuta de histórias estimular na criança a imaginação, educar, instruir, desenvolver a sua cognição, introduzir a criança no processo de leitura e escrita, além de proporcionar à criança uma gama de informações e conhecimentos que passam a instigar a ação criadora,

estimulando novas experiências. Desse modo, podemos afirmar que por intermédio do encanto e ludicidade que permeiam os momentos de contação, o ato de aprender torna-se mais interativo, instigante e significativo.

Todavia, existem diferentes formas e instrumentos que poderão auxiliar o contador no ato de contar histórias, entre elas podemos destacar o livro, o teatro, os sons, as sombras e os fantoches, cabendo ao contador/educador elaborar estratégias, técnicas e escolha de materiais adequados para o público alvo com que ele irá trabalhar a história, visando o desenvolvimento integral da criança. Nesse sentido, Abramovich (1997, p. 20) ressalta que antes de uma contação de histórias, é necessário o educador “ler o livro antes, bem lido, sentir como nos pega, nos emociona ou nos irrita... Assim quando chegar o momento de narrar a história, que se passe emoção verdadeira, [...] e que por isso, chega no ouvinte...”. Em outras palavras, a contação de histórias não é apenas o ato de contar o que leu, ouviu, visualizou ou vivenciou. É mais do que isso, é um ato de entrega, em que o contador se doa para o ouvinte, fazendo da sua voz e gestos, principalmente, um convite para uma viagem no mundo da fantasia. Por esse motivo o contador deve estar munido de conhecimento, criatividade, fantasia e técnicas, para tornar o seu espetáculo significativo.

No que diz respeito ao reconto de histórias, Borghi (2010), embasada em Walter Benjamin (1994), enfatiza que cada vez que a criança reconta um conto ela repovoa o seu imaginário com personagens diversificados, desenvolvendo uma escuta sensível e atenta ao outro. Para a autora, o reconto oral de histórias permite a criança os seguintes aprendizados cognitivos: “desenvolvimento da expressão oral, estrutura da narrativa, sequência e encadeamento de fatos, ampliação de repertório, apropriação da linguagem que se escreve, de vocabulário e expressões etc.” (BORGHI, 2010, p. 8). Entretanto, faz-se importante destacarmos que ao referir-se à escuta atenta, Borghi (2010) vai além do simples ouvir com os ouvidos, pois a autora considera que a contação de histórias é um momento em que os cinco sentidos do sujeito são ativos. Portanto, ao almejarmos obter a escuta atenta das crianças nos momentos de contação, teremos que abandonar a visão de que as crianças estarão prestando atenção somente se estiverem quietas e imóveis, permitindo a essas se envolverem com a história contada, a partir de suas características particulares.

Compreendendo o processo de aprendizagem e desenvolvimento da criança a partir de Vygotsky

Lev Semenovich Vygotsky, psicólogo Bielo-Russo, nasceu na cidade de Orsha no ano

de 1896, vindo a falecer aos 61 anos em Moscou em 1934. Vygotsky dedicou seus estudos à compreensão da origem e do desenvolvimento dos processos psicológicos do homem, tendo por base o desenvolvimento do homem a partir da sua cultura, do seu convívio social e com o ambiente em que está inserido.

Ancoradas nos estudos de Vygotsky, Rego (1995, p. 120-121) afirma que o homem possui habilidades como pensar, raciocinar, deduzir e abstrair, mas por outro lado, é um ser que têm sentimentos, emoção, desejos, imaginação e se sensibiliza. Partindo dessa premissa, Vygotsky (2010, p. 144) afirma que o trabalho do pedagogo deve consistir não só em fazer com que os alunos pensem e assimilem o conhecimento, mas também o sintam. Dado o exposto, compreendemos a contação de histórias enquanto um instrumento essencial para se trabalhar a estimulação do pensamento, da memória e da imaginação das crianças.

Nesse patamar, Vygotsky (2009, p.14) apreende a imaginação enquanto uma atividade criadora baseada na capacidade de nosso cérebro combinar e reelaborar, de forma criadora, “elementos da experiência anterior, erigindo novas situações e novo comportamento”. Para o autor supracitado, existem quatro formas principais que estabelecem a relação entre a imaginação e a realidade: A primeira diz respeito a toda obra da imaginação construir-se a partir de elementos tomados da realidade e de experiências vivenciadas anteriormente pelo sujeito; Já a segunda forma, aponta que a relação do produto final da imaginação com algum fenômeno real torna-se possível através das experiências que a criança adquire com os outros enriquecendo o seu imaginário; Enquanto a terceira forma de relação entre a realidade e a atividade de imaginação é de cunho emocional. Manifestando-se de dois modos: de um lado, o sentimento seleciona “elementos isolados da realidade, combinando-os numa relação que se determina internamente pelo nosso ânimo” (VYGOTSKY, 2009, p.26), e acaba influenciando na imaginação. Entretanto, existe ainda uma relação inversa, onde a imaginação influi no sentimento, isto é, a construção do sentimento não corresponde a realidade, pois esse sentimento é verdadeiro e foi vivenciado pelo sujeito; Por fim, mas não menos importante temos a quarta forma de relação entre fantasia e realidade. Essa refere-se à construção da imaginação ter a possibilidade de ser algo totalmente novo, isto é, que não têm relação com as experiências vividas pelo sujeito e nem com experiências que lhes são transmitidas por outras pessoas. Entretanto, Vygotsky (2009, p. 29) enfatiza que ao adquirir uma concretude material, essa imaginação é “cristalizada”, passando a existir no mundo e a influir sobre outras coisas. Dessa forma, a imaginação passa a ser realidade.

Assim sendo, evidenciamos que a contação de histórias influencia nos fatores

intelectuais e emocionais que são indispensáveis para o ato de criação da imaginação, tendo em vista que, para a teoria histórico-cultural, ambos os fatores acima descritos movem a criação humana. Deste modo, compreendemos a contação de histórias enquanto um momento que favorece a relação entre realidade e fantasia, e conseqüentemente a ação do sujeito no mundo. Na medida em que, a imaginação ganha concretude e passa a existir e influir na realidade.

Já no que tange o aprendizado e desenvolvimento do sujeito, Vygotsky (2007) enfatiza que esses encontram-se inter-relacionados. Utilizando dos seguintes conceitos para explicar essa relação: Nível de Desenvolvimento Real (NDR) onde a criança resolve seus problemas independentemente, e o Nível de Desenvolvimento Potencial (NDP) onde a criança necessita da ajuda de um adulto ou companheiro com mais experiência para realizar funções, sendo na Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) que se encontram as funções que estão em processo de maturação, isto é, as funções que estão em estado embrionário. Nesse sentido, fundamentando-nos teoricamente na perspectiva histórico-cultural, temos a clareza de que a internalização do conhecimento decore de uma organização interna de informações e aprendizagens que a criança adquire estando em contato com outras pessoas e objetos. No entanto, para atingir tais patamares, são necessários instrumentos mediadores e, conforme Davis e Oliveira (2010, p. 63), “os instrumentos mediadores [...] são instrumentos sociais e que foram construídos pelo homem no decorrer da história humana [...]” como é o caso dos sistemas sógnicos, fala, escrita, bem como a ajuda de livros, professores e colegas. Nesse sentido, apreendemos “o desenvolvimento humano como um empreendimento conjunto e não individual, construído na e pela interação das crianças com outras pessoas, [...] e é fruto de experiências anteriores, que servem de base para novas construções” (RIVERO, 2011, p. 7).

Refletindo sobre a prática e o processo de contação de histórias

É ao transcendermos o nosso próprio Ser enquanto educadoras e contadoras de histórias, que compreendemos o quanto nos doamos ao ouvinte/criança através de nossa fala, gestos e emoções que deixamos pairar no ar juntamente com a magia e a ludicidade que convidam a criança a adentrar no mundo da fantasia, onde ela estará protegida e a salva de todos os males e seus medos. Além de a contação de histórias permitir à criança compreender os seus sentimentos e conseqüentemente saber como agir em relação a esses, dando ordem ao caos que muitas vezes é o seu interior quando não compreendido.

Deste modo, resgataremos neste momento as experiências por nós vividas no Estágio

Supervisionado na Educação Infantil no primeiro semestre do ano de 2014, e apresentaremos falas e análises em torno das entrevistas realizadas com as crianças do Maternal I e II, turmas em que atuamos no Estágio acima mencionado. No entanto, para realizarmos as entrevistas buscamos adentrarmos primeiramente no mundo das crianças a partir da fantasia, isto é, a partir da contação de histórias. Sendo contadas histórias que as crianças já haviam tido contato em nosso Estágio Supervisionado, sendo em seguida as mesmas representadas pelas crianças. Porém, visando permitir a todas as crianças responder a nossa entrevista, realizamos três perguntas da entrevista com cada criança.

Assim sendo, as entrevistas nos permitiram apreender a visão das crianças quanto ao momento de contação de histórias, seus personagens favoritos, assim como vislumbrar a presença da contação na vida delas, geralmente sendo realizada no CEI pelas educadoras e em casa pelos pais, bem como afirmam as crianças entrevistadas. Já, quando questionadas se gostam de ouvir histórias, como se sentem e como imaginam os personagens, percebemos muitos sentimentos nas falas das crianças, assim como traços da cultura dessas: *“Sim eu gosto! O lobo e a bruxa são brabos e a fada é boazinha”* (MARIA⁵, 3anos). *“Sim. Sinto alegria. De fadinha”* (ANA, 4 anos).

Por meio dessas respostas, podemos evidenciar primeiramente que as histórias e o momento de contação são apreendidos de forma diferente por cada criança, devido a esta última sofrer influência do meio em que está inserida, principalmente da sua cultura. Constatamos ainda, que a representação mental que as crianças fazem dos personagens atualmente, encontram-se na maioria das vezes relacionados a desenhos animados, em outras palavras, ao que está na mídia. Os quais, segundo Sisto (2001 apud MODESTO; ROCHA; BITENCOURT, 2010, p.3), são muito “adocicados”, apresentando em sua narrativa a ausência de conflitos, problemas e turbulências de emoções que as crianças enfrentam em seu dia-a-dia, conseqüentemente tornando esses contos sem significado.

Para tanto, amparadas em Souza e Bernardino (2011), compreendemos que a ludicidade presente na contação de histórias, para além de estimular a imaginação da criança, tem muito a contribuir para o desenvolvimento das habilidades cognitivas dessa, assim como, da sua responsabilidade e autoexpressão. Além de, a contação de histórias trazer entranhado em seu conteúdo a interdisciplinaridade, devido às histórias permitirem às crianças ficarem sabendo história e geografia, “sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula” (ABRAMOVICH, 1997, p.17). Portanto, temos a convicção de que quando

⁵ O nome das crianças enfatizadas nesse trabalho são fictícios.

os conhecimentos são explorados de forma lúdica, o processo de ensino-aprendizagem e de interação realizados nos Centros de Educação Infantil tornam-se mais significativos.

Tivemos a oportunidade de evidenciar o fato acima descrito em nosso Estágio Supervisionado com as turmas do maternal I e II, onde as ações pedagógicas realizadas tiveram como base os momentos de contação de histórias. Experiência essa que nos possibilitou vislumbrar que através da relação entre contação de histórias e ação pedagógica as crianças conseguem apreender e compreender de maneira mais significativa e lúdica os temas trabalhados.

Falando em Estágio, um personagem que não podemos deixar passar sem ser apresentado a você leitor, é a *Tatá*, um fantoche lindo, divertido, inteligente e muito amado pela turma do Maternal II do CEI Dona Ilse. Os momentos de contações de histórias e interações com a *Tatá*, na turma acima mencionada foram extraordinários, pois nos permitiram vislumbrar o quanto a fantasia envolve as crianças e igualmente a entrega que há por parte dessas últimas nesses momentos mágicos, onde realiza-se uma navegação pelo mundo da fantasia. Além do mais, percebemos que um “simples fantoche” aos olhos dos adultos, torna-se um novo ser/personagem para a criança, tornando conseqüentemente, o processo de ensino-aprendizagem e a relação entre estagiárias e crianças mais lúdico e significativo. Enfim, foi com este ar lúdico e mágico, envolvendo fantasia e realidade, que transcorreu o nosso Estágio Supervisionado na Educação Infantil com a turma do Maternal II no CEI Dona Ilse e igualmente com a turma do Maternal I do CEI Cantinho do Saber.

Considerações Finais

Buscamos refletir no presente trabalho sobre o papel da contação de histórias no desenvolvimento e aprendizagem das crianças, tendo como base as experiências vivenciadas no Estágio Supervisionado na Educação Infantil, no ano de 2014, e o estudo de obras e produções que enfatizam sobre a contação de histórias, a aprendizagem e o desenvolvimento da criança através dos pressupostos da teoria histórico-cultural.

Para tanto, embasadas em Vygotsky (2009), compreendemos os momentos de contação de histórias enquanto enriquecedores do imaginário infantil, ao passo que, a atividade criadora da imaginação encontra-se intrinsecamente relacionada aos fatores intelectual e emocional do ser humano, além de relacionar-se com as experiências vividas pela criança, assim como, aquelas vividas por outros indivíduos que transmitem a criança informações de experiências que essa última não vivenciou. Para tanto, depreendemos que ao

ouvir histórias, contá-las e recontá-las a subjetividade da criança sofre modificações, sendo a sua identidade pessoal criada.

Paralelamente, a contação de histórias apresenta-se ainda enquanto um instrumento mediador que auxilia o educador na mediação do conhecimento com as crianças, conhecimento este que se tornará mais significativo aos olhos dessas últimas, uma vez que, quando os conhecimentos são explorados de forma lúdica, o processo de ensino-aprendizagem e de interação realizados nos Centros de Educação Infantil tornam-se mais significativos. Esses aspectos foram observados em nosso Estágio Supervisionado na Educação Infantil, quando a fantoche Tatá ganhou vida e se transformou na grande amiga da turma do Maternal II do CEI Dona Ilse. Dando continuidade, as entrevistas realizadas com as crianças das turmas do Maternal I e II, nos apontaram que essas recorrem, na grande maioria das vezes às histórias na tentativa de dar significado aos acontecimentos que as cercam.

Enfim, após o período de um ano de reflexões e estudos na produção de nosso Trabalho de Conclusão de Curso, podemos afirmar que a contação de histórias contribui no processo de aprendizagem da criança e no seu desenvolvimento, proporcionando a mediação e interação da criança com a sua cultura, os sujeitos que a ela pertencem, assim como, com os mais diversificados conhecimentos. Para tanto, é mediante ao exposto que defendemos a introdução da contação de histórias no planejamento cotidiano dos educadores dos Centros de Educação Infantil, ao passo que, compreendemos esse momento enquanto um caminho de descobertas e compreensão do mundo.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. 5. ed. São Paulo: Scipione, 1997.

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política. Obras Escolhidas**, 7ª. Edição. SP: Brasiliense, 1994, 253 p.

BORGHI, Maria. L. A formação das preferências leitoras na Educação Infantil. In: São Paulo (SP). Secretaria Municipal de Educação. Diretoria de Orientação Técnica. **Percursos de aprendizagens: leitura e reconto – a rede em rede: a formação continuada na Educação Infantil/Secretaria Municipal de Educação**. São Paulo: SME/DOT, 2010.

DAVIS, Cláudia; OLIVEIRA, Zilma de. **Psicologia na educação**. São Paulo: Cortez, 2010.

LUCAS, E. R. O; CALDIN, C.F; SILVA, P. V. P. Biblioterapia para crianças em idade pré-escolar: estudo de caso. **Perspect. Ciênc. Inf.**, Belo Horizonte, v. 11, n. 3, set./dez. 2006.

Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-99362006000300008&script=sci_arttext>. Acesso em: 04 de dezembro de 2014.

MODESTO, Isva Maria; ROCHA, Janete Batista; BITENCOURT, Ricardo Barbosa. As novas tecnologias e a contação de histórias em sala de aula. In: 3º Simpósio Hipertexto e Tecnologias na Educação: redes sociais e aprendizagem, 2010, Recife. **Anais Eletrônicos...** Recife, 2010. Acesso em: 22 jan. 2015.

REGATIERI, L. P. P. Didatismo na contação de histórias. **Em Extensão**, v. 7, n. 2, p. 30-40, 2008. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/revextensao/article/viewFile/20511/10942>>. Acesso em: 06 maio 2015.

REGO, Tereza Cristina. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação**. 4.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. p. 138.

RIVERO, Andréa Simões. A brincadeira das crianças na formação de professoras de Educação Infantil. **Revista Eletrônica Zero a Seis**, Centro de Ciências e Educação – UFSC, v. 23, p. 1-12, 2011.

SISTO, Celso. **Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias**. Chapecó: Argos, 2001.

SOUZA, L. O; BERNARDINO, A. D. A contação de histórias como estratégia pedagógica na educação infantil e ensino fundamental. **Revista de Educação Educere Et Educare**, v. 6, n. 2, p. 235-49, jul./dez. 2011. Disponível em: <e-revista.unioeste.br/index.php/educereeteducare/article/.../4643/4891>. Acesso em: 19 nov. 2014.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos**. Organizadores Michael Cole et al.; Tradução José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

_____. **Imaginação e criação na infância: ensaio psicológico: livro para professores**. Apresentação e comentários Ana Luiza Smolka; Tradução Zoia Prestes. São Paulo: Ática, 2009.

_____. **Psicologia pedagógica**. Tradução do russo e introdução de Paulo Bezerra. 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010. (Coleção textos de psicologia).